



FESTA-DE-SANTO E FOTOGRAFIA: APROXIMAÇÕES PARA VISLUMBRAMENTO DO REAL

Bruno Moraes – Licenciatura em Educação Física/UFRJ¹

Eduardo Couto – Licenciatura em Educação Física/UFRJ²

Resumo

Pretende-se neste texto situar as bases teóricas que irão fundamentar a incursão etnográfica da pesquisa no universo das festas-de-santo. Têm-se como principais alicerces a concepção da festa enquanto elemento de leitura das interações sociais e a reflexão sobre o uso da imagem como instrumento e objeto nas pesquisas etnográficas.

Para tal, abarcamos a visão das manifestações populares como algo vivo, dinâmico e essencialmente reflexivo as investidas do poder hegemônico, compreende-se o tempo de lazer como um espaço fértil para o descortinamento das relações que tecem a teia social. Ao contrário do que comumente tenta se infligir ao tempo-livre, o notamos como um tempo marcado por formas diversas de criatividade que procuram organizá-lo e lhe dar sentido.

Também a imagem, seja ela estática ou móvel, é encarada como um instrumento de duplo sentido transgressor. Em primeiro lugar pela alteração da perspectiva do olhar do pesquisador causada através da quebra de hegemonia da escrita sobre a descrição da pesquisa, e em segundo lugar pela capacidade de multiplicar olhares e conseqüentemente versões do mundo que o avanço tecnológico das mídias áudio-visuais vem causando.

Palavras-chave: Imagem, Festa e Lazer.

Acostumamo-nos a acreditar que o real nos é dado, seja nos rituais sociais ou através dos meios midiáticos, sem alterações em sua estrutura essencial, ou seja, naturalmente. Através de construções ideológicas percebemos a ciência como intervenção neutra e a tecnologia – neste caso os instrumentos de reprodução visual e audiovisual – como socialmente neutros, porque são meramente técnicos. O resultado desse processo são relatos escritos, verbais ou visuais, que representam, ideológica e esteticamente, o meio que fala quando os outros estão calados.

O presente artigo propõe-se a apontar as vantagens inerentes às festas-de-santo como espaços propícios à apreensão e compreensão da dinâmica intrínseca dos terreiros e em conseqüência da própria sociedade na qual estão inseridos. Pretende fazê-lo não somente através da narrativa escrita, mas também pela imagem, acentuando a capacidade da fotografia enquanto instrumento de pesquisa na dupla releitura dos aspectos sociais mencionados. Sendo assim, o que pretende-se aprofundar não é somente a releitura de uma determinada prática social pela mudança do espaço-tempo, mas também pelo instrumento de pesquisa. Enfatizar o caráter privilegiado do tempo livre para a compreensão do funcionamento social e a absoluta intencionalidade das construções áudio-visuais é tentar

¹ Pesquisador dos grupos ANIMA e Cia Folclórica do Rio/UFRJ
bmorais13@yahoo.com.br

² Pesquisador do grupo de pesquisas ANIMA

aproximar as idéias de transgressão de hierarquias efetuadas pela linguagem fílmica em relação à pesquisa etnográfica, e pela festa em relação ao sistema social hegemônico.

Um exemplo concreto desta afirmação é a legitimidade da transmissão ao vivo em relação às instituições sociais. Através da interatividade televisiva fundada na transmissão em tempo real, na maior intimidade entre a pessoa e a televisão do que da primeira com as instituições públicas e na crença difundida amplamente de que somos todos sujeitos do espaço televisivo, o poder midiático vem exercendo a função de mediador da ordem social. Segundo Beatriz Sarlo:

“a ilusão de verdade do discurso ao vivo é (até agora) a mais forte estratégia de produção, reprodução, apresentação e representação do “real”. Fica-se com a impressão de que entre a imagem e seu referente material não há nada ou, pelo menos, há pouquíssimas intervenções, que parecem neutras porquê são de caráter meramente técnico. Diante da gravação ao vivo pode-se pensar que a única autoridade é o olho da câmera: como desconfiar de algo tão socialmente neutro como uma lente? Neste ponto, a gravação ao vivo parece anular o antigo debate entre mundo e representação” (2006:73).

Assim como não acreditamos na neutralidade do discurso imagético, percebemos as festas-de-santo como espaços que vão além da noção simplória que considera o lazer apenas espaço de alienação ou restabelecimento do tempo do trabalho. Estas festas se inserem num contexto que vai do sagrado ao profano, marcado por forte traço de ludicidade e anarquia. Sendo dessa forma espaços privilegiados para a compreensão da dinâmica do terreiro e segundo acreditamos, da própria sociedade na qual estão inseridos.

Baseados na abordagem fenomenológica, na qual tem importância fundamental os aspectos subjetivos do comportamento, pretendemos acompanhar, filmar e fotografar um ciclo anual de festas-de-santo que se inicia em junho, com as festas para Exu, e termina após a quaresma com a reabertura do terreiro e a festa para Ogum. Esclarecemos que este ciclo foi estabelecido de acordo com as possibilidades de filmagem e que não corresponde à cronologia festiva do terreiro que tem seu início em janeiro.

A casa escolhida é o terreiro Cabloco Sete Flechas e Pai Benedito Beira Mar, localizado no Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro, sob os cuidados do Pai Silmar Alves de Souza. No terreiro pratica-se a Umbanda “cruzada”, o que, aqui no Rio, quer dizer que além de entidades brasileiras, também são cultuados os orixás africanos.

Escolhemos a prática religiosa da Umbanda por esta ser tipicamente brasileira e também por seu hibridismo, representado pelo sincretismo com o catolicismo e a junção com o candomblé, refletir com intensidade a formação de nossa miscelânea sócio-cultural.

Para o atual estágio da pesquisa pensamos ser suficientes estas informações, preferindo nos aprofundar em nosso referencial teórico acerca dos estudos sobre as festas e sobre o uso de imagens na etnopsiquisa.

FESTA, ESPELHO DA SOCIEDADE

Os estudos efetuados sobre a Festa no Brasil apesar de uma considerável experiência, trazem em sua maioria uma mesma gama de aspectos levantados.

A bibliografia existente está em sua maioria baseada na linha de investigação de caráter folclorista. Tal linha caracteriza-se por pesquisas orientadas principalmente pela descrição das manifestações culturais, sem uma maior preocupação sobre as relações, significâncias e representatividades sociais contidas no modo de “estar no mundo” das populações pesquisadas.

Sem desmerecer o valor documental destas pesquisas, gostaríamos de apontar sua principal fraqueza. Baseamo-nos na idéia de cultura como algo dinâmico, vivo e concreto. Algo do qual podemos apreender características essenciais das estruturas micro e macrosociais nas quais está inserida.

Tal perspectiva material e histórica evita a noção teórica que mais bem explica o fracasso de grande parte das análises folclóricas: a sobrevivência. A percepção de objetos e costumes populares como restos de uma estrutura social que se apaga é a justificativa lógica de sua análise descontextualizada. Se o modo de produção e as relações sociais que geraram essas “sobrevivências” desapareceram, não há porque se preocupar em encontrar seu sentido sócio-econômico.

Outro aspecto dificultador das análises folclóricas é o recorte do objeto de estudo. Interessam mais os bens culturais – objetos, lendas, danças, músicas – que os agentes que as geram e consomem. Essa fascinação pelos produtos, o descaso pelos processos e agentes sociais, pelos usos que os modificam, leva a valorizar nos objetos mais sua repetição que sua transformação, a desconsiderar injustiças sociais, tensões e interações determinantes na produção cultural popular.

O que importa não são os objetos culturais intrinsecamente ou historicamente determinados, mas o jogo de relações culturais. A tradição, elemento vital da cultura, pouco tem a ver com a persistência de velhas formas, mas, muito mais, com as formas de articulação e associação de elementos.

Segundo Magnani (2003):

“Mais relevante que lamentar a perda de uma suposta autenticidade, no entanto, é tentar analisar as crenças, costumes, festas, valores e formas de entretenimento na forma em que se apresentam hoje, pois a cultura, mais que a soma de produtos, é o processo de sua constante recriação, num espaço socialmente determinado”.

Em contrapartida ao pensamento majoritário das Ciências Sociais que tem o universo do trabalho como ponto de partida para a compreensão da sociedade, alguns núcleos de pesquisa sobre o uso do tempo-livre vem esforçando-se para evidenciar as maneiras pelas quais os grupos organizam e dão sentido a passagem e ao usufruto do tempo.

“Frente ao universo do trabalho, já subjugado pela lógica do capital que tenta programá-lo inteiramente, existe um espaço em parte regido por outra lógica, e aberto ao exercício de uma certa criatividade: a vida familiar, o bairro, as diferentes formas de entretenimento e cultura popular que preenchem o tempo do lazer” (Magnani, 2003:29).

Compreendemos as festas-de-santo como espaços privilegiados de agregação social, não só em relação aos adeptos da crença, mas também destes em relação aos não-iniciados, e da comunidade do terreiro em relação ao bairro.

O espaço da prática religiosa não é somente o espaço de afirmação de valores/credos, mas também o espaço de confronto entre os saberes populares e os institucionais, e entre o que se quer afirmar e o que se quer transgredir na ordem do terreiro. Esta ordem se afirma não por imposição, mas por agregação destas forças que se opõem. A festa é o espaço por excelência desta agregação.

Dada a complexidade com que são mantidas as relações no terreiro, fundadas principalmente no conhecimento transmitido pela oralidade; na maneira pela qual novas pessoas são trazidas à crença (em muitos casos a festa é o primeiro contato com a religião); e a realidade sócio-econômica de grande parte dos adeptos do terreiro pesquisado, a festa-de-santo funciona como espaço de ressonância entre o saber cultuado no terreiro e a

realidade cotidiana dos praticantes. Inclusive nos colocando como hipótese a possibilidade das festas ecoarem mais significativamente para os praticantes que a própria religiosidade. Esta hipótese é reforçada pelo fato de que em relação a crença, a festa é o espaço do lazer enquanto as obrigações analogamente são os espaços de produção.

Tendo em vista o comentário de Rita Amaral sobre a afirmação de Durkheim acerca do papel das festas para o reforço dos laços sociais, interessa-nos mensurar qual o papel das festas para a coalizão ideológica do terreiro, para a afirmação daquela sociedade.

“Durkheim diz isso porque, em sua opinião, com o tempo a consciência coletiva tende a perder suas forças. Logo, são imprescindíveis tanto as cerimônias festivas quanto os rituais religiosos para reavivar os “laços sociais” que correm, sempre, os riscos de se desfazerem. Neste sentido, poderíamos imaginar que, quanto mais festas um dado grupo ou sociedade realizam, maiores seriam as forças na direção do rompimento social às quais elas resistem. As festas seriam uma força no sentido contrário ao da dissolução social” (Amaral, 2000:02).

O cotidiano do terreiro é extremamente exigente para os praticantes, que dividem seu tempo entre suas obrigações pessoais (cuidado com suas próprias entidades) e os trabalhos coletivos (sessões de descarrego, atendimento, ajuda aos irmãos-de-santo). Assim as festas podem representar um espaço de duplo restabelecimento para os praticantes, tanto ao nível cotidiano extra-religioso, como em relação a sua vivência no interior das atividades do terreiro.

A partir de um esquema classificatório de Jean Duvignaud podemos tentar definir as festas-de-santo como Festas de Participação. Nesta categoria incluem-se cerimônias públicas das quais participa a comunidade no seu conjunto. E é justamente esta participação ativa em um ato coletivo que diferencia a festa do puro espetáculo.

Neste contexto podemos verificar que as fronteiras entre sagrado e profano tornam-se muito tênues, sendo às vezes impossível defini-las. As regras hierárquicas também se atenuam, sendo desafiadas por diferentes atores e exigindo do responsável uma percepção que se aproxima mais da mediação que da imposição.

A festa comporta ao mesmo tempo uma poderosa deshierarquização das regras estabelecidas e um sentido coletivo de mediação. Esses componentes podem ser traduzidos tanto em relação ao universo particular do terreiro como em relação deste com a sociedade na qual está inserido.

Conscientes do processo histórico no qual as afro-religiões afirmaram-se socialmente, forçadas muitas vezes a sincretizarem-se para assegurar sua sobrevivência, e que tal processo produz reflexos preconceituosos até a atualidade, interessa-nos analisar como as representações festivas podem provocar uma aproximação da instituição religiosa com o corpo social.

Finalmente, a festa, enquanto fenômeno universal, é um modelo de investigação antropológica. A complexa rede de significantes, símbolos e significados que compõem seus elementos somente adquirem sentidos a partir de um determinado sistema. De modo geral a outros objetos de estudo antropológico, as elaborações materiais e imateriais da festa-de-santo explicitam as leis gerais daquele sistema, embora estas não estejam claramente acessíveis.

Daí que, para nós, tenham fundamental importância gestos, expressões, posturas, fraturas de discurso, silêncios, o não dito em relação ao que é expresso discursivamente. Não exatamente posições de resistência ou opressão, mas as negociações que contribuem para delinear o provisório reequilíbrio constante daquele sistema.

“O fundamental é fixar-se menos numa suposta clareza ideológica – afinal, não são nem pretendem ser programas partidários – e mais na lógica que preside e sustenta os fragmentos aparentemente contraditórios dessa verdadeira bricolagem que é chamada cultura popular” (Magnani, 2003:34).

IMAGEM NA PESQUISA ETNOGRÁFICA

Enquanto suporte a pesquisa etnográfica a fotografia tem seu lugar assegurado por inúmeros trabalhos realizados e por tantos outros que se debruçaram sobre este instrumento de pesquisa. Porém, em quase sua totalidade, os trabalhos concentram-se no caráter técnico ou sociológico da imagem.

Uma reflexão crítica sobre os procedimentos do uso da imagem e suas conseqüências tem início a partir do auto-estudo efetuado pelos pesquisadores-cineastas em relação ao filme etnográfico, dando origem a uma disciplina qualificada como antropologia filmica. Esta não está preocupada somente com os procedimentos de apreensão da imagem, mas com a própria imagem captada.

“É assim que, a partir de um vasto campo de experiências proposto pelo filme etnográfico e suas produções afins, desenvolve-se hoje, esta nova disciplina que, de minha parte, eu qualificaria de antropologia filmica, de preferência antropologia visual. Tentarei definir, assim, seu objeto: o homem tal como ele é apreendido pelo filme, na unidade e na diversidade das maneiras como coloca em cena suas ações, seus pensamentos e seu ambiente” (France, 2000:17).

O homem através do que exprime e é apreendido pela imagem é também aquele que define a profundidade da análise do objeto. Em suma, a disciplina possui um objeto de duas faces: o homem e a imagem do homem. Seu instrumento, o filme, pode ser também seu objeto. A introdução do interesse antropológico sobre o material filmado elevando a categoria de objeto de análise e não somente instrumento de pesquisa efetua uma transgressão na natureza e no *status* do observado, nas relações entre o observador, o observado, a palavra e a escrita no âmago da pesquisa antropológica.

“Uma das conseqüências importantes dessa reviravolta é que a observação filmica, apesar de não totalmente liberada da linguagem – longe disso -, possui a vantagem, em relação à observação direta, de conferir a seu resultado, o observado filmico, um status de referência epistemológica mais legítimo, sob vários aspectos, que aquele conferido à observação direta. O observado filmado é, assim, dotado de uma existência autônoma que lhe permite ser indefinidamente examinado por si mesmo” (France, 2000:19).

Podemos supor uma quebra de hierarquias e também um maior descortinamento do processo científico a partir deste ponto. A linguagem, meio de tradução do real observado, onde a escrita, sob domínio do observador, é o principal suporte, passa a ser questionada. Inclusive em seu papel direcionador do olhar e do que será observado. Dispondo de um aparato que o permite rastrear dados sobre um suporte permanente, o pesquisador pode dedicar-se a auscultar significados interiores do que é observado. A observação filmica ao ser analisada junto ao observado permite que outras “escritas” somem-se na análise do processo, colaborando assim para a construção de etnografias que permitem ao observado um real canal de expressão. E, ainda, que no caso de observações filmicas voltadas também à exibição pública, não passará incólume a posição do pesquisador evidenciada pela edição de imagens.

“Submetendo a própria pesquisa à análise, ainda durante a realização do filme, os antropólogos-cineastas tendem a se interrogar sobre os fundamentos e as modalidades da relação entre o filmado e o filmador. Eles buscam temperar as posições universalistas do pesquisador, no que concerne ao que ele afirma a respeito das pessoas filmadas, e situar-se, eles próprios, o mais claramente possível, no interior da relação de observação” (France, 2000:25).

Ainda que a escrita tenha perdido sua posição privilegiada no ato da pesquisa, ela continua de fundamental importância no desempenho do papel intelectual. Por mais que busquemos resultados concretos para aqueles que foram pesquisados, invariavelmente a exposição de nossas conclusões se dará entre nossos “pares”, servindo-nos no embate ideológico no interior dos círculos acadêmicos.

Neste momento é preciso manter a coerência epistemológica da pesquisa através de um discurso que privilegie a posição daqueles que momentaneamente representamos através de nossas narrativas escritas e visuais.

Não se trata de defender para a academia um papel de vanguarda, mas de resgatar o fundamento da prática intelectual na história moderna.

“A figura do intelectual (artista, filósofo, pensador), tal como criada na modernidade clássica, entrou em seu ocaso. Algumas das funções que essa figura considerava suas, porém, continuam a ser reclamadas por uma realidade que mudou (e que portanto já não aceita legisladores nem profetas como guias), mas não tanto a ponto de tornar inútil o que foi o eixo da prática intelectual nos últimos dois séculos: a crítica daquilo que existe, o espírito livre e anticonformista, o destemor perante os poderosos, o sentido de solidariedade com as vítimas” (Sarlo, 2006:165).

CONCLUSÃO

Por hora, devido estarmos em fase de aprofundamento do referencial teórico e ainda preparando a fase empírica da pesquisa, somente podemos concluir ser possível o ajustamento científico entre o objeto e o instrumento da intervenção.

A riqueza expressiva das festas tem sido objeto de inúmeras dissertações, que comprovam seu caráter subjetivo extremamente rico em relação ao tecido social. Assim como o uso da imagem na construção de pesquisas antropológicas vem reforçando uma tendência à execução de textos que não se utilizem apenas da observação direta e da escrita.

Reafirmamos nossa convicção de que a pesquisa científica pode e deve dar mais atenção às emoções e a criatividade. E que o uso da imagem pode ultrapassar a função de registro e tornar-se também uma escrita científica. É necessário não perdermos as condições históricas. De tal forma que hoje, se a democratização de acesso aos equipamentos de registro áudio-visual efetuada pelo avanço tecnológico contribui para que cada vez mais novos olhares somem-se a construção do mundo em que vivemos, também aumenta a responsabilidade sobre o uso destes equipamentos. Se desejarmos que tal uso não caia na banalidade do registro inconsequente, e que este avanço não nos torne reféns da tecnologia, precisamos aprofundar nossas reflexões sobre os procedimentos e finalidades de nossas pesquisas. Buscando através das nossas intervenções sociais uma aproximação de maior respeito e troca entre conhecimento popular e acadêmico.

Pensamos ser possível evidenciar com palavras e imagens, poesia e rigor científico, a intrínseca peculiaridade e dinamismo com que se mantém a teia de relações neste complexo espaço que habituamo-nos a conhecer através das páginas policiais.

Finalmente, reforçar o que tem sido a maior contribuição do avanço tecnológico no campo áudio-visual: a possibilidade de o mundo ser construído a partir de múltiplos olhares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amaral, Rita. O tempo de festa é sempre. Disponível em <http://www.n-a-u.org/htmlindexb>. ----- . As mediações culturais da festa à brasileira. Disponível em <http://www.n-a-u.org/htmlindexb>

Barthes, Roland. A câmara clara: nota sobre fotografia. Tradução: Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Bentes, Ivana (org). Ecos do cinema: de Lumiere ao digital. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

France, Claudine de. Do filme etnográfico à antropologia filmicas. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

Sarlo, Beatriz. Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Tradução: Sergio Alcides. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.